

ENTREVISTA

com **Guilherme Rosso**, Cofundador e Presidente da Iniciativa Emerge, de fomento e fortalecimento da inovação no Brasil

Embora o investimento em pesquisa no Brasil seja pequeno, há muitos jovens cientistas espalhados pelo país desenvolvendo ideias inovadoras, mas que não chegam ao mercado. Para tentar mudar essa realidade, foi criada a Emerge, que visa mapear e fazer a ponte entre os inovadores e o mercado. O presidente, Guilherme Rosso, jovem de 23 anos, fala nessa entrevista sobre esse desafio e como pretende criar a maior rede de inovadores do país.

ARYMAX: Conte um pouco sobre sua formação e como teve início sua preocupação com a inovação tecnológica no Brasil?

Guilherme Rosso: Entrei em bacharelado interdisciplinar em Ciência e Tecnologia na UFRN, e durante a graduação, participei da primeira turma do programa Ciência sem Fronteiras, na Clark University, em Massachusetts, no Departamento de Física. Na volta, passei no mestrado na USP, no curso de modelagem de sistemas complexos. Em 2014, cofundei a rede de ex-bolsistas do Ciências Sem Fronteira (CSF). No meu projeto de mestrado, apliquei a base de sistemas complexos em políticas públicas, para investigar se o investimento em mobilidade acadêmica internacional tinha efeito na colaboração científica entre os países. Conheci nesse processo muito bolsistas que desenvolvem projetos incríveis nas mais diversas áreas. Em paralelo, surgiu o projeto da Emerge, me envolvi e fui convidado a presidir a organização.

ARYMAX: O que é a Iniciativa Emerge?

GR: Somos uma organização de apoio a jovens inovadores e cientistas empreendedores com projetos e pesquisas de base tecnológica não-digital. Há uma área conhecida como “vale da morte” da inovação, que é o momento da transição do conhecimento desenvolvido na universidade para o mercado. É ali que grande parte das inovações morrem. O foco da Emerge é tornar esse caminho mais fácil. Nosso foco é em hard science e hard tech nas áreas de biotecnologia, agro, saúde, eletrônica, energia, entre outras. Não trabalhamos com aplicativos, software ou plataformas online, que já possuem uma grande rede de apoio hoje



“Se um país quer se desenvolver, o investimento em tecnologia e inovação deve estar na equação”

ARYMAX: O que vocês estão fazendo?

GR: A Emerge está mapeando esses jovens inovadores e suas necessidades, para que seus projetos consigam chegar ao mercado. Também estamos construindo uma comunidade de inovadores, como já existe com os empreendedores, e promovemos eventos para fomentar essa comunidade. Em novembro, correalizaremos com a Arymax a primeira edição do Emerge Labs, uma formação de dois meses que tem como objetivo facilitar o acesso do jovem com o mercado.

ARYMAX: Qual a importância do apoio da Arymax para a Emerge?

GR: Foi a primeira organização que apostou no potencial na Emerge, não só com investimento

financeiro, mas como parceira na construção da nossa metodologia, do conteúdo e até da logística dos nossos projetos. Desde o começo a Arymax acreditou na nossa ideia de desenvolvimento desses jovens inovadores para trazer soluções para os grandes desafios globais, como fome, energia, água, desigualdade, transportes, etc.

ARYMAX: Israel é hoje o país com mais pesquisadores por habitante, com índice de oito mil por um milhão, mais de dez vezes que o número no Brasil. Por que isso acontece e como mudar essa realidade por aqui?

GR: Hoje o Brasil investe 1,2% do PIB em Pesquisa e Desenvolvimento, enquanto os países da OCDE investem 2,4% e Israel 4,4%. Aqui, cerca de 60% do investimento é público e 40% privado, enquanto nos países mais desenvolvidos essa proporção é invertida. Mesmo entre os Brics, o Brasil está ficando para trás. Se um país quer se desenvolver e ser soberano, o investimento em tecnologia e inovação deve estar na equação. Hoje, os talentos estão saindo do Brasil por falta de oportunidades. Além disso, o conhecimento produzido nas universidades deveria chegar ao mercado e à sociedade, o que não acontece.

ARYMAX: Há alguma organização hoje no mundo que é uma referência para você em termos de inovação?

GR: Uma referência é o Instituto Weizmann de Ciência, em Israel, que é uma instituição de pesquisa básica, que é fundamental para o desenvolvimento da inovação. Hoje é a universidade no mundo que mais recebe royalties pelo desenvolvimento das patentes. Além disso, conecta jovens cientistas brasileiros nesse ecossistema como a Kawoana Vianna, 24 anos, que desenvolveu um tecido de nanopartículas para evitar amputação em diabéticos, e o Luiz Fernando Borges, 19 anos, que desenvolveu uma prótese com feedback tátil para pessoas amputadas, entre muitos outros projetos incríveis. Eu tive o prazer de conhecer o presidente do Weizman no Brasil por intermédio da Fundação Arymax.